PAI POLTRÃO





Geraldo Chacon

PAI POLTRÃO

Aos meus filhos Alexandre, Sara e Rafael.

(Sala com móveis bem velhos e surrados. Num sofá grande, ao centro, dorme um velho de seus noventa anos. Dos dois lados, em poltronas menores, dormem dois outros velhos (podem ser bonecos). Acima do sofá, preso na parede, um relógio marca 19 horas.

À direita do sofá grande, há um corredor, por onde entra silencioso e lentamente um homem com mais de 50 anos, talvez chegando aos sessenta. Ao se aproximar do sofá grande, pára, olha o homem dormindo e fica pensando profundamente.

Por fim, se resolve, e toca o velho com a mão, de leve, e chama baixo:)

FILHO – Pai! (Nada acontece. Ele pensa em retirar-se, mas muda de ideia. Repete gesto e fala, porém com mais intensidade.) Paii!!

PAI – Anhh! Que milagreee!!!

FILHO – Desculpe eu não ter vindo antes. Andei muito ocupado, trabalhando até durante os domingos.

PAI – Sei! (Parece não acreditar. Senta-se. Filho senta-se a seu lado)

FILHO – Aqui também fica muito longe para mim.

PAI – Pois é, então me deixassem em casa.

FILHO – Não venha de novo com essa história. O senhor sabe que não é possível. Foi difícil achar um lugar bom como esse. Não há muros e tem uma bela vista, com bela paisagem. Outra vantagem, o hospital fica aqui do lado, com um corredor diretamente ligando com a Casa de Repouso.

PAI – Han! Casa de Repouso. (falando sozinho) Pensam que sou trouxa, casa de repouso. Asilo, isso sim, asilo, vi lá

fora, pintado num carro em letras vermelhas, em letras vermelhas, vermelhas.

FILHO – Que foi que o senhor disse?

PAI – Nada, eu não disse nada! Eu disse alguma coisa?

FILHO – Não sei, pareceu-me que sim. (Velho faz movimento brusco com o tronco e passa a mão nervosamente pela cabeça, esfregando os ralos cabelos.) As mulheres aqui tomam conta do senhor direitinho. Dão banho, olha como o senhor está limpinho. Quando eu ia na sua casa não aguentava ficar muito tempo porque lá tudo estava fedendo. O senhor ficava dias sem tomar banho e tinha um cheiro azedo intolerável.

PAI – Porra! Também, na minha idade é difícil, as minhas pernas doem muito e posso cair. Eu sei o que passei quando caí lá em casa e fiquei dois dias com a perna machucada sem aparecer ninguém.

FILHO – Por isso que o senhor não pode ficar em casa.

PAI – Era só colocar alguém pra ficar comigo.

FILHO – E de que adiantaria? Nós pusemos, pagamos uma mulher para cozinhar, lavar sua roupa e cuidar do senhor. Que foi que aconteceu? Se lembra? O senhor comprou e deu de presente para ela uma calcinha vermelha e depois ficava de bermudão coçando o saco para provocá-la. (Velho dá uma risada safada, como se dissesse "eu sou malandrão, eu sou assim mesmo".) Além disso, ficava brigando com ela por causa da comida e ia pra cozinha fazer sua comida.

PAI – A comida dela era uma porcaria, um nojo!

FILHO – Ah! A sua é que é boa, estou me lembrando que no Natal na casa da Maria o senhor levou um peixe pronto que deixou a geladeira dela fedendo tanto que tivemos que tirar tudo e lavar a geladeira. Aquilo estava podre.

PAI – Estava podre nada! Ahah! Agora peguei vocês! Naquele dia disseram que o gato tinha comido meu peixe, quando eu fui procurar pra jantar! Mentiram, mentiram!

FILHO – Claro. Todo mundo sabia o escândalo que o senhor ia fazer. Mas o coitado do gato se comesse morreria com certeza. Aquilo estava estragado. Olha, pai, entenda; o senhor não deve mais estar com o olfato legal e nem pode mexer com fogão. É perigoso!

PAI – Perigoso é aqui! Pensa que não sei. Estão levando todo o meu dinheiro! Esses caras daqui e o seu irmão! Ele trocou de carro! Esse pessoal também já comprou mais um carro.

FILHO – Pára com isso, eu venho pouco aqui por causa disso. Alguns minutos só que estou aqui e o senhor é só reclamar e dizer que estão te roubando. Pai, olha para mim e presta atenção no que vou falar. Graças a Deus seus filhos estão bem e não precisam de seu dinheiro. Sua aposentadoria é de um salário mínimo e não dá para nada.

Só a hospedagem aqui custa o dobro e nós contribuímos cada um com um pouco para completar e pagar outras coisas como remédios por exemplo.

PAI – Eu vou à delegacia, qualquer dia fujo e vou à polícia, vou contar tudo que acontece aqui. É um roubo.

FILHO – Isso é mania sua. Lembra o que fazia com a mamãe? Vivia dizendo que a coitada roubava o senhor. Tinha coragem de colocar os mantimentos trancados naquele quartinho nos fundos, fechados com chave e ela tinha que ficar pedindo óleo, arroz, sal, e o senhor ficava regulando.

PAI – Aquela mulher! Aquela mulher era uma gastadeira. Nunca tive nada na vida por causa dela. Gastava tudo!

FILHO – Como o senhor tem coragem de dizer um absurdo desse, ela é que trabalhou para sustentar a casa quando o senhor ficava sem trabalho e isso era sempre, sem contar suas tentativas de negócios enrolados que só lhe